

A REPRESENTAÇÃO DE HELENA DE TROIA NAS HERÓIDES DE PÚBLIO OVÍDIO NASO

Leticia Schneider Ferreira¹

Resumo: O presente estudo tem por finalidade observar de que forma Helena de Troia é apresentada a partir de duas epístolas presentes na obra *Heroides* de Ovídio. Em um primeiro momento é apresentada a personagem Helena a partir da ótica de diferentes autores. Após, é realizada uma exposição sobre Ovídio e as epístolas de Páris e Helena. A análise permite observar que os argumentos apresentados na carta do troiano para convencer a rainha espartana se vinculam ao direito que este teria sobre ela devido aos desejos de Vênus, além das riquezas que ela poderia encontrar em Troia e as provas de amor que ele já havia demonstrado. A resposta de Helena demonstra que, apesar de considerar os argumentos defendidos por Paris, a rainha pondera sobre a situação em que se encontra, avaliando as vantagens e desvantagens de abandonar seu reino. Assim, Ovídio apresenta uma Helena que, mesmo não ignorando os apelos do sentimento amoroso mostra a capacidade de um olhar questionador e racional em prol de uma decisão consciente e mais favorável a seus desejos e seu futuro.

Palavras-chave: Helena de Troia, Publio Ovídio Naso, *Heroides*, Estudos de Gênero

THE REPRESENTATION OF HELEN OF TROY IN PUBLIO OVÍDIO NASO'S HEROIDS

Abstract: The present study aims to observe how Helen of Troy is presented from two epistles present in the work *Heroides* de Ovídio. At first, the character Helena is presented from the perspective of different authors. Afterwards, there is an exhibition about Ovid and the epistles of Paris and Helena. The analysis shows that the arguments presented in the Trojan's letter to convince the Spartan queen are linked to the right that he would have over her due to Venus' desires, in addition to the wealth that she could find in Troy and the evidence of love that he already had. demonstrated. Helena's answer shows that, despite considering the arguments defended by Paris, the queen ponders the situation in which she finds herself, evaluating the advantages and disadvantages of leaving her kingdom. Thus, Ovid presents Helena, who, despite not ignoring the appeals of loving feeling, shows the capacity for a questioning and rational look in favor of a conscious decision and more favorable to her wishes and her future.

Keywords: Helen of Troy; Publio Ovid Naso, *Heroids*. Gender's Studies

¹ Doutora em História (UFRGS). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – *Campus* Bento Gonçalves.

Helena de Troia é a essência do feminino: a beleza lendária que move corpos e sonhos, que provoca o encantamento pelo qual heróis matam e morrem, é a mulher única e aquela que se busca e se encontra em todas as mulheres. Personagem de extrema complexidade, Helena está presente em uma série de fontes escritas, bem como na iconografia da Antiguidade Clássica, e muitos autores e pensadores se dedicaram a refletir sobre sua culpa ou inocência em relação ao conflito que envolveu gregos e troianos ao longo de dez anos. Controversa Helena, sua fuga ou rapto permeou o imaginário de poetas e rompeu barreiras territoriais, a até hoje desperta reflexos e nos permite ponderar sobre os olhares referentes ao feminino na Antiguidade Clássica.

O presente artigo tem por finalidade realizar uma análise sobre a figura de Helena e sua recepção na obra *Heroides*, de Públio Ovídio Naso, observando as perspectivas referentes ao feminino que são vislumbradas por meio da personagem homérica. A partir do pressuposto de que os discursos sobre o feminino se constituem em um processo de longa duração e que naturalizam concepções construídas histórica e culturalmente, este estudo apresentará, em um primeiro momento, uma reflexão sobre a forma como Helena é abordada nos textos escritos por poetas, filósofos, historiadores e dramaturgos da antiguidade greco-romana. Após este breve mapeamento da personagem Helena, o artigo procurará contextualizar o poeta elegíaco Publio Ovídio Naso, bem como a obra *Heroides*, evidenciando a importância de sua análise para a compreensão do feminino na Antiguidade Clássica, e, mais especificamente, na Roma Imperial. Por fim, serão analisados alguns trechos das *Epístolas Ovidianas* nas quais o poeta se vale das figuras de Paris e Helena como supostos autores, no intuito de avaliar quais os argumentos mobilizados por meio personagem troiano para convencer a rainha a segui-lo a Ílion e as ponderações de Helena relativas a tal proposta, observando os termos que remetem a uma perspectiva de um ideário sobre o feminino na obra de Ovídio.

Helena: toda a beleza que há

A beleza de Helena é excessiva, e, portanto, catalizadora do trágico: a semideusa filha de Zeus e da mortal Leda, teria sido o pivô para um dos conflitos mais abordados pela literatura ocidental, a Guerra entre os exércitos gregos e troianos, e que mobilizou os principais heróis aqueus em um cerco que teria durado 10 anos até o ocaso de Ílion. O presente estudo se vale de fontes literárias que referem a guerra e a personagem Helena, não sendo objeto de interesse, neste momento, a discussão da ocorrência histórica do conflito bélico e suas reais motivações:

basta-nos refletir que o imaginário do período homérico comporta a possibilidade de um embate de tamanha proporção em prol do retorno de uma mulher. Contudo, ressaltamos que não é qualquer mulher, mas sim *a mulher*, Helena, essência do feminino, essência da Hélade.

A ambiguidade de Helena perpassa seu nascimento: as narrativas mais frequentes atribuem sua paternidade a Zeus, o qual, transmutado em cisne, seduziu a rainha espartana Leda, relacionamento do qual teriam nascido Helena e Pólux, enquanto as outras duas crianças geradas por Leda seriam filhas do esposo mortal, Tíndaro. A beleza sobrenatural de Helena a vincula ao universo divino, mesmo que em diversas passagens de obras como os poemas épicos e peças dramáticas, esta personagem esteja descrita como tindárea, ou seja, associada a seu pai terreno. Apresentada pela epopeia homérica, Helena a loura, Helena de cabelos cacheados é corpo: apesar da descrição pouco detalhada, é possível vislumbrar o impacto de sua presença, que faz com que tantos anos de guerra sejam compreensíveis, aceitáveis. Maguire ressalta a ausência de uma descrição detalhada da personagem, explicitando que

What is consistent in descriptions of Helen of Troy, from Homer to the twenty-first century, is absence of detail. Homer describes Helen as having “the face of immortal goddesses”; she wears “shimmering garments” and has glistening hair. In Virgil she wears silver robes and has hyacinthine curls. The lack of specificity makes sense: if Helen is indisputably the most beautiful woman in the world, as soon as you provide details you make her beauty disputable (Maguire, 2009, p. 49)

A insuficiência de informações específicas sobre a figura de Helena poderia estar na universalidade de sua beleza, capaz de encantar os homens das mais diversas localidades e culturas. Outra possibilidade poderia se encontrar na inexistência de palavras aptas a explicitar seus atributos físicos, pois Helena é corpo e sabe como ninguém usar o corpo em seu benefício quando lhe convém. Personagem fugidia, sobre Helena poucos consensos há: os autores divergem sobre sua culpa na Guerra de Troia, sequer asseguram a presença de Helena na cidade de Príamo. Esta imagem que constantemente se liquefaz, volúvel Helena, desperta a curiosidade, intriga e se torna então desejável.

Mulher corpo, Helena seduz por sua simples visão, não há necessidade de esforço. O fascínio provocado por sua imagem é tal que pouco se reflete sobre sua voz, sua atuação no espaço que ocupa, suas estratégias de sobrevivência. Por que Helena sobrevive à guerra e à punição pelo adultério, retorna ao lar em Esparta e na *Odisseia* recebe um Telêmaco ávido por

notícias do pai como senhora absoluta da casa. Assim, a beleza de Helena desvia a atenção de suas ações, da sua arte argumentativa que explicita não apenas sua habilidade em observar o que a cerca, mas também em avaliar quais as possibilidades que lhes são apresentadas por cada situação. Na obra *Ilíada*, é Helena quem nos descreve os heróis gregos e apresenta suas características e potencialidades guerreiras, a pedido de Príamo, que a escuta e se vale de seus conselhos². Peças de teatro, como *As Troianas*, também demonstram a capacidade de Helena em se defender e se isentar de culpa e responsabilidade pelo conflito³, no momento em que há um embate entre a rainha espartana e Hécuba, mãe de Páris e que incentiva a vingança de Menelau. A beleza de Helena ali está, óbvia e uma potência em si; entretanto, a filha de Zeus vale-se dos artifícios retóricos, palavras respaldadas pelo maravilhoso da matéria que os olhos podem apreender.

A forma de abordar Helena, a preocupação por evidenciar sua culpa ou de inocentá-la, perpassa as narrativas de diferentes autores, e se modifica de acordo com o contexto de produção dos textos e os interesses envolvidos: desta forma Helena pode ser apresentada como uma mulher frívola, egoísta e odiosa, responsável pela catástrofe troiana, uma culpa tão feroz que se estende e se perpetua em outras tragédias, mas também como isenta de culpa por sua própria condição de mulher, a qual, em sua fragilidade natural, não poderia resistir seja aos desígnios divinos, seja a força física ou persuasiva do homem. O Elogio a Helena de Górgias tem esse teor de argumentar favoravelmente a Helena, se não exaltando suas possíveis virtudes, ao menos removendo sua culpa pelo que lhe faltaria enquanto mulher: a capacidade de resistir ao que lhe é superior. Apesar do autor não indicar qual entre as perspectivas que ele apresenta seria a mais coerente, permitindo que o leitor possa seguir seu próprio discernimento, converge-se para a impossibilidade de culpar Helena pela tragédia que envolveu gregos e troianos, conforme Furtado e Fortes enfatizam que

² “(...) Príamo chamou Helena em voz alta: “Vem minha filha; aqui mesmo bem perto de mim vem sentar-te por que o primeiro marido, os parentes e amigos revejas. Não és culpada de nada; os eternos, somente, têm culpa, que nos mandaram a guerra dos fortes Aqueus, lacrimosa. Disse-lhe Helena, a divina mulher, em resposta, o seguinte: “Sinto por ti, caro sogro, respeito e vergonha a um só tempo. Bem melhor fora se a Morte terrível me houvesse levado antes de haver consentido em seguir o teu filho, deixando o lar e o esposo, minha única filha e as gentis companheiras. Mas não devia assim ser; essa a causa de todo o meu choro. Ora te vou responder a respeito do que perguntaste. (HOMERO, 2003, p.108)

³ Talvez não queiras aceitar minhas razões sem meditar se elas são boas ou são más apenas porque vês em mim uma inimiga. Adivinhando, todavia, quais seriam teus argumentos se comigo debatesses, vou contrapor minhas acusações às tuas. (...) Com que direito, esposo meu, com que justiça queres tirar-me a vida se meu casamento me foi imposto fatalmente pelo céu e a ele devo em vez de prêmios e vitórias a escravidão cruel? Se queres sobrepor-te aos deuses, tua pretensão é temerária. (Eurípedes, 2012, p.215-216)

[...] o Elogio foi escrito apresentando uma opinião contrária à culpabilidade de Helena, que supostamente provaria que as outras opiniões, apresentadas até então, estariam equivocadas. A opinião, incerta do motivo que realmente levou Helena a Páris, pensa em várias hipóteses para este, e demonstra o porquê de Helena não poder ser considerada a culpada (...) (Furtado; Fortes, 2020, p. 305)

Assim, a figura de Helena é mobilizada de formas diversas, ora para demonstrar a perspicácia e o domínio retórico do autor, ora de modo pedagógico, enfatizando elementos e papéis atribuídos ao feminino. A personagem homérica em sua fluidez característica, serve a múltiplas intencionalidades, em diferentes épocas e locais. Tal afirmação pode ser observada na análise da recepção de Helena na literatura romana, em especial na obra de Públio Ovídio Naso, o qual reflete recorrentemente a respeito de um tema ao qual a figura de Helena tão bem se encaixa: os jogos de amor. Deste modo, conforme discutiremos, Ovídio escolhe Helena não para falar de um amor doloroso e infrutífero, mas sim de um amor que, mesmo permeado pelo desejo, não se abstém de uma avaliação racional sobre as possibilidades que o sentimento amoroso deixa em aberto e as consequências de a ele ceder.

Ovídio: a voz dos que amam

Públio Ovídio Naso foi um poeta e escritor romano que nasceu em 43 a.C. em uma abastada família da zona rural de Roma e desde jovem teve acesso a uma educação adequada, dispondo de mestres qualificados em áreas diversas. Contrariando as expectativas familiares, que desejavam para ele a atuação nas funções públicas e políticas de Roma, Ovídio destacou-se nos círculos literários e tornou-se um poeta renomado e versátil, o qual em sua juventude priorizou os temas relativos ao amor. Suas principais obras nesta primeira fase são *Amores*, *Heroides*, *Ars Amatoria* e *Remedia Amoris*, escritos que se dedicam a exaltação do sentimento amoroso, do processo de conquista e da relação entre os amantes. Outras obras de destaque de Ovídio são as *Metamorfoses*, que abarca temas mitológicos que enfocam principalmente as transformações de diferentes personagens em outros seres e objetos, e os *Fastos*, calendário poético dos meses romanos. No ano 8 d. C., Ovídio foi banido de Roma por ordem do Imperador Augusto, instalando-se na região da atual Romênia, onde ainda produziu obras como as *Tristia* e as *Epistulae ex Ponto* e veio a falecer por volta de 18 d.C.

As Heroides, objeto de análise do presente estudo, são uma série de epístolas escritas sob a forma de dístico elegíaco e que teriam como autoras heroínas da mitologia greco-romana, as quais expressam seu sofrimento e sua versão referente às lendas que lhes dizem respeito. A obra é composta de 21 cartas, sendo que as 15 primeiras seriam remetidas por mulheres e as últimas 6 seriam epístolas duplas, ou seja, 3 teriam como autores personagens masculinos e as demais 3 seriam as respostas de suas amantes. As Heroides é uma obra que se mostra diferenciada no sentido de que não apenas realiza uma interlocução entre a elegia e o gênero epistolar, mas também por se valer de personagens femininas como protagonistas: são as heroínas que expõe seu olhar sobre os acontecimentos míticos e, em geral, acusam seus amantes pela situação de abandono em que se encontram. Van Ray observa que

Ovídio subverte, assim, o mito, provocando um deslocamento das heroínas mitológicas, e revelando-as na sua natureza humana: mulheres tomadas por uma paixão avassaladora, que as destrói e as envolve num mundo de desilusão, loucura, obsessão e, muitas vezes, de banalidade. (Van Ray, 2000, p. 269)

As epístolas retomam diferentes mitos e apresentam a visão feminina das narrativas, enfocando um momento em que as heroínas, após a intensa experiência afetiva junto a seus amados, lamentam o fato de estarem solitárias e oscilam entre a acusação e a súplica para que os amantes retornem. Assim, há, muitas vezes, uma aproximação entre as narrativas e uma carta pode remeter a algum elemento relatado em outra epístola, demonstrando a presença de que há uma perspectiva de conjunto na obra. Ugatermendía explicita que

No decorrer da leitura, nota-se que os paralelismos entre as histórias de cada uma dessas mulheres favorecem as relações entre a forma em que estas mulheres “escrevem” as epístolas e o que nelas dizem. A proximidade léxica, temática e também no que diz respeito a sua construção retórica (lembramos que as epístolas pretendem, em sua maioria, convencer o amado a voltar; portanto, um dos objetivos primordiais é a persuasão), revelam o artifício ovidiano. (Ugatermendía, 2017, p. 10)

A obra elegíaca aborda temas mundanos e corriqueiros, como são a sedução, a intensidade da experiência apaixonada, o ocaso das relações amorosas e as cicatrizes deixadas

pelo fim destes relacionamentos⁴. Ao contrário da maioria das epístolas ovidianas, que retratam o momento em que as heroínas pranteiam por seus amantes, imersas em solidão, as cartas referidas a Páris e Helena (Epístolas XVI e XVII respectivamente), objetos de análise do presente artigo, enfatizam o momento em que o príncipe troiano esforça-se para persuadir a rainha espartana e segui-lo a Ílion e Helena pondera sobre as vantagens e desvantagens advindas de suas futuras decisões. As epístolas ressaltam uma série de sutis estratégias de conquista, também mobilizadas nos conselhos do autor em a *Arte de Amar* para que os amantes alcancem sucesso na sua intenção de concretizar seu desejo.

A carta XVI tem Páris por remetente e é a mais longa entre as epístolas ovidianas: nesta missiva o príncipe troiano apresenta-se como um pretendente apaixonado e respaldado pela promessa da deusa Citaréia em conseguir os favores de Helena. Assim, logo nos primeiros versos da carta, Paris argumenta em prol de sua causa demonstrando que age conforme os desígnios divinos: Helena poderia se contrapor a vontade de uma deusa?

É doce esperar que logo que receberes minha carta poderás também receber-me. Confirme essa esperança e que a mãe do Amor, que me aconselhou essa viagem, não tenha em vão te prometido a mim. A fim de que teus erros não sejam devidos à ignorância, é um aviso divino que me conduz e uma deusa poderosa preside minha empreitada. O preço que peço é grande, eu sei; mas ele me é devido. Citareia te prometeu ao meu leito. (Ovídio, 2003, p. 189)

Páris oferece a Helena a oportunidade de vivenciar esta paixão e ao mesmo tempo eximir-se de culpa, uma vez que aos mortais resta a submissão aos deuses, contra os quais a fragilidade humana, e a feminina ainda mais, nada poderiam fazer, questão já levantada por outros autores, como o grego Górgias em o *Elogio à Helena*. Entretanto, Páris se vale de outros subterfúgios para convencer Helena a vivenciar o sentimento que os uniria: ao escolher Vênus como a deusa mais bela, o troiano provava que já amava a rainha espartana antes mesmo de conhece-la. Páris exalta também seus próprios atributos físicos, citando as diversas belezas que por ele se apaixonaram, e as quais ele abdicara em nome de Helena. Por fim, Paris ressalta a importância de sua ancestralidade e as riquezas de Troia, salientando os presentes que aguardariam Helena em terras dardânias.

⁴ Em relação ao gênero elegíaco, Veyne expõe que “A lei do gênero exigia que a elegia tivesse como palco um meio mundano, considerado irregular, e que o poeta não se desse conta disso: entregue a sua paixão, Ego parece não se surpreender com os costumes desse mundo; e, como também postulava a lei do gênero, isso não deveria surpreender o narratário, isto é, o leitor ideal (...) (Veyne, 2015, p.16)

A carta XVII apresenta a resposta de Helena aos diversos pontos destacados por Páris, demonstrando uma personagem que, mesmo não desdenhando dos sentimentos do troiano e considerando aceitar a proposta de acompanhá-lo, reflete racionalmente sobre as vantagens e desvantagens de seguir Paris até Troia. Assim, a personagem Helena parece contrariar os discursos que vinculam o feminino à impulsividade e à incapacidade do exercício da razão, pois não apenas pondera cuidadosamente sobre sua realidade como questiona a veracidade de algumas afirmações de Páris, como a cena do julgamento das deusas, inverossímil na visão da personagem. Helena apresenta-se como uma mulher fiel e esposa exemplar, enquanto não demonstra um completo desagrado dos avanços de Paris, participando do jogo de sedução que se instala na ausência de Menelau. Ao final da missiva, apesar de indícios de que Helena seguiria Páris, a personagem ainda reflete sobre as consequências de seus atos, a possibilidade de adversidades e de que mesmo o sentimento que Páris propala venha a se extinguir, pois uma vez que ela cometesse o crime de adultério, não seria mais digna da confiança de ninguém.

Tu mesmo, como poderás esperar que eu seja fiel e não encontre em teu próprio exemplo motivos de inquietação? Qualquer estrangeiro que entrar no porto de Ílio será motivo de temerosa suspeita. Quantas vezes, em tua cólera, me dirás: “Adúltera!” esquecendo que o meu crime é o teu. Tornar-te-ás ao mesmo tempo o censor e o autor de minha falta. (Ovídio, 2003, p.218)

Assim, a partir da análise das fontes, é possível verificar que Ovídio constrói uma Helena que mescla a capacidade de se comover com as demonstrações de amor do príncipe troiano, atuando no jogo de sedução promovido por Páris, com a capacidade de refletir sobre a situação que lhe é posta, de forma distanciada e racional. A Helena ovidiana rompe com os discursos recorrentes na documentação da Antiguidade Clássica, por meio dos quais as mulheres são apresentadas como inferiores e incapazes de sustentar uma linha de pensamento racional. Helena ama, mas pesa as consequências de vivenciar esse amor: há rotas de saída, poderá ela sobreviver? A rainha espartana ama o amor ovidiano: mais que a intensidade da experiência, ama-se o jogo de sedução e as palavras que buscam convencer, uma vez que a verdadeira arte reside no processo de persuasão.

Referências Bibliográficas

Bibliografia crítica

EURÍPEDES. *As Troianas*. Tradução do Grego e apresentação: Mário da Gama Kury. 7ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2012.

EURÍPEDES. *Helena*. Versão do grego, introdução e notas: José Ribeiro Ferreira. Porto Alegre: Movimento, Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2009.

FURTADO, Daniela Brinati; FORTES, Fábio. Um reflexão acerca da *physis* e do *logos* no Elogio de Helena. *Ronai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*. V.8, n. 2, 2020, p.289-308

GÓRGIAS. *Elogio de Helena*. Tradução de Aldo Dinucci. São Paulo: Oficina do Livro, 2017.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução dos versos de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

MAGUIRE, Laurie. *Helen of Troy: From Homer to Hollywood*. John Wiley & Sons, 2009.

NOBILOS, Paulina. Helena a sedução enquanto método e o corpo como instrumento. In: BORGES, Maria de Lourdes; TIBURI, Márcia. *Filosofia: Machismos e Feminismos*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

PÚBLIO OVIDIOS NASO. *A arte de Amar*. Tradução de Dúnia Marinho da Silva. Porto Alegre: L&PM, 2012.

PÚBLIO OVIDIOS NASO. *Cartas de Amor: as Heróides*. Tradução: Dúnia Maria Silva. São Paulo: Landy Editora, 2003.

UGATERMENDÍA, Cecília Marcela. A exemplaridade do abandono: epístola elegíaca e intratextualidade nas Heróides de Ovídio. *Dissertação de Mestrado*. São Paulo: USP, 2017.

VAN RAY, Cleonice Furtado de Mendonça. Conflito discursivo nas Heróides de Ovídio. *Revista Letras Clássicas*, nº4, 2000, p.261-271.

VEYNE, Paul. *Elegia Erótica Romana: o Amor, a Poesia e o Ocidente*, 1ª ed., São Paulo: Editora da UNESP, 2015.